

ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DO INFINITIVO LATINO

JOSÉ MARIO BOTELHO (FFP-UERJ E ABRAFIL)

Resumo:

O presente trabalho tem por objetivo descrever o comportamento estilístico-sintático de uma das formas verbo-nominais – o infinitivo – nas odes do *Liber Primus*, de Horácio. Nossa análise valorizou a sua contextualização, a qual se baseia no relacionamento da forma em referência com os outros termos sintáticos. Consideramos as estruturas de base, sob a perspectiva da existência de uma ordem natural, e a possibilidade de um uso estilístico nos casos em que a colocação dos termos na frase não se fez conforme a relativa padronização, que os estudiosos da sintaxe latina preconizam e que concebemos.

Assim constatamos a ocorrência de uma relativa liberdade de colocação dos termos na poesia e que, nela, o resultado de natureza comunicativa quase sempre sugere interpretações variadas, que caracterizam um uso estilístico. Desta forma, podemos comprovar a hipótese inicial acerca da linguagem de Horácio: nas odes do *Liber Primus*, a sua linguagem se caracteriza como um uso estilístico, em virtude do comportamento estilístico-sintático dos nomes verbais e das palavras com que tais formas se relacionam nas referidas odes.

palavras-chave: Formas verbo-nominais. Infinitivo. Odes horácianas. Ordem natural. Morfossintaxe.

INTRODUÇÃO

Uma das particularidades do latim é a existência de formas verbo-nominais variadas, algumas das quais nem mesmo ocorrem no português.

No latim, além do infinitivo, que pode ocorrer no passado, no presente e no futuro, em voz ativa ou passiva, objeto de observação no presente artigo, apresentam-se as seguintes formas verbo-nominais: supino; gerúndio; particípio, e gerundivo, as quais não serão trabalhadas no presente artigo.

Convém ressaltar que a dificuldade de tradução, encontrada na poesia desse primeiro livro de odes de Horácio, é praticamente de ordem morfossintática, uma vez que a estrutura frasal preferida por Horácio em suas odes não apresenta uma regularidade, se considerarmos a existência de uma ordem natural da língua latina..

Certamente, não se espera uma padronização da língua latina no que se refere à estruturação frasal, sendo ela uma língua de declinações. Por conseguinte, a ordem dos termos na frase não se fazia obrigatória, não obstante uma padronização

na colocação dos termos, mormente na prosa, em que prevalecia uma ordem natural da língua latina, visto que se iniciava a frase com o termo nominativo (sujeito) e se finalizava com o verbo (Cf. MAROUZEAU, 1953, p. 55, ERNOUT; THOMAS, *op. cit.*, § 188, p. 161 e GARCIA, 2000, p. 30).

Sobre a padronização das estruturas sintáticas, Juret (1933, p. 7-8) afirma que a natureza do caráter obrigatório dos tipos sintáticos são uma necessidade dos hábitos complicados advindos da reflexão e da liberdade, que se estabelecem numa comunidade linguística.

Contudo, o autor deixa claro que cabe ao usuário da língua a escolha dos tipos sintáticos para a expressão de seus pensamentos e que a retenção desses tipos sintáticos não se efetiva em sua totalidade.

Marouzeau (*Op. cit.*) também afirma que há uma relativa liberdade na ordem das palavras nas estruturas frasais do latim, que em todos os casos será determinada por um dos diversos fatores (de uso, de sentido, de estilo, de ritmo), em que se podem observar certas leis ou tendências, embora seja difícil uma sistematização de tais aspectos.

A estrutura frasal nas odes horácianas apresenta esse caráter de liberdade relativa, de que falam Juret e Marouzeau, também no que se refere ao uso das formas verbo-nominais com que Horácio exprimiu seus pensamentos. O comportamento sintático das formas verbo-nominais nas odes do *Liber Primus* apresenta certas características, que, não só diferem das do uso considerado gramatical, sob a perspectiva da efetivação de uma ordem natural da língua latina, como também nos sugerem reconhecer um uso estilístico de tais formas.

Horácio não seguia um padrão em si mesmo. Seu padrão é, de fato, a falta de regularidade das estruturas frasais que utilizou em suas odes, as quais se apresentam variadíssimas quanto à disposição dos termos na frase, em especial, quanto ao uso de formas nominais do verbo e termos a elas referentes, como ocorre com o infinitivo, objeto de nosso estudo.

A dificuldade de se estabelecer uma padronização do uso de tais termos nos faz pensar na hipótese de ser estilístico esse uso. Entretanto, não constitui nosso objetivo definir ou descrever o estilo horáciano e nem tampouco comprovar que o comportamento das formas verbo-nominais e dos termos a elas relacionados constitui um uso estilístico de Horácio. O nosso objetivo é, sobretudo, o de acusar um comportamento estilístico-sintático do infinitivo em Horácio. Portanto, o mesmo uso pode ser encontrado em outros autores, uma vez que o uso estilístico “decorre, antes de tudo, do nosso impulso emotivo e do propósito claro ou subconsciente de sugerir o próximo” (CÂMARA Jr., 1985, p. 110). Marouzeau (1946), por sua vez, prefere considerar o estilo como escolha ou seleção entre as expressões possíveis que a língua nos oferece.

Em Horácio, a quebra da ordem natural faz surgir estruturas de interessantes variáveis estilísticas, que podem ter sido exigidas pela métrica ou por total intenção do poeta com o objetivo de chamar a atenção do leitor. Em ambos os casos, a complexidade

estrutural e o conseqüente efeito estilístico são consideráveis.

Para o estudo que ora nos propomos, levamos em consideração a teoria estruturalista, de natureza americana (representada por Bloomfield nos Estados Unidos da América e Câmara Jr., no Brasil), que se baseia na descrição de estruturas sintáticas efetivas de uma dada língua. A partir da análise estruturalista, muitos aspectos morfossintáticos, que caracterizam uma dada língua e a distinguem de outras, são revelados.

Assim, tivemos a oportunidade de observar diversas especificidades da língua latina, que, apesar de ser a língua-origem mediata da língua portuguesa, muito se distingue desta.

Primeiramente, sob a perspectiva da tradução literal (sem desprezar a técnica da tradução literária), traduzimos todas as odes do *Liber Primus*, de Horácio, com a intenção de ressaltar as formas verbo-nominais contextualizadas. Evitamos, pois, as falhas comuns da fragmentação, quando se analisam fragmentos de texto sem que se observem as relações do item lexical em destaque com os demais. Convém ressaltar que a tradução particular, inédita e original, foi feita a partir do texto latino publicado pela *Les Belles Lettres* em 1946.

Depois, identificamos todos os casos de estruturas com formas verbo-nominais, que foram separadas de acordo com os tipos, a saber, infinitivo (presente, passado e futuro), gerúndio, particípio (presente, passado e futuro) e supino. Tais estruturas, acompanhadas de uma breve análise sintática em forma de comentário, foram reunidas de acordo com as funções sintáticas que exercem nas estruturas traduzidas.

De posse desse material e dos subsídios teóricos apresentados principalmente por Marouzeau (*Op. cit.*) e Ernout et Thomas (*Op. cit.*), pudemos formular a argumentação para comprovar a hipótese do caráter estilístico no uso do infinitivo nas odes horacianas do *Liber Primus*.

Neste trabalho, portanto, a análise que se fará dessa forma verbo-nominal latina valorizará a sua contextualização, a qual se baseia no relacionamento da forma em referência com os outros termos sintáticos. Consideramos as estruturas de base, sob a perspectiva da existência de uma ordem natural, e a possibilidade de um uso estilístico nos casos em que a colocação dos termos na frase não se faça conforme a relativa padronização, que os estudiosos da sintaxe latina preconizam e que concebemos.

1 – Natureza dos tipos de estruturas sintáticas latinas

Por ser o latim uma língua de declinações, em que ocorriam alterações morfossintáticas, causadas pelo acréscimo de desinências casuais, conforme a função sintática que uma dada palavra exercesse na estrutura linguística, a ordem dos termos na frase não era especialmente direta e nem se fazia obrigatória. Sobre isso afirmam

Ernout et Thomas (*Op. cit.*), corroborando Marouzeau¹, a quem faz referência em nota de rodapé:

Le maintien de la flexion nominale a fait que l'ordre des mots n'a jamais pris en latin de signification syntaxique, cf. supra, § 10. On constate pourtant certaines habitudes ou préférences qui n'ont rien de strict. (ERNOUT; THOMAS, 1959, § 188, p. 161)²

Tal asserção sugere que as palavras poderiam ser dispostas numa ordem aleatória. No entanto, uma conclusão dessa natureza não seria correta, pois a ordem das palavras em latim não era efetivamente livre, como observou Marouzeau (1953, p. ix).

Como já afirmamos anteriormente, na prosa, normalmente a frase iniciava-se com o termo nominativo (sujeito) e se finalizava com o verbo. Na poesia, no entanto, observava-se uma relativa liberdade de colocação, porquanto o resultado de ordem comunicativa quase sempre se alterava, sugerindo interpretações variadas, que caracterizam um uso estilístico.

Assim, faz-se necessário examinar a ordem natural das palavras nas estruturas oracionais latinas, sem desprezar a possibilidade de outras organizações a serviço da metrificação. A partir desse procedimento, foi possível observar o comportamento das formas verbo-nominais e os termos a que se relacionam nas estruturas das odes horacianas que serão o objeto da nossa análise.

2. A forma verbo-nominal latina de infinitivo

Existem dois grupos de nomes verbais em latim: o grupo que é formado de nomes que valem por substantivos – infinitivo, supino e gerúndio –, e o grupo que é formado de nomes que valem por adjetivos – participio e gerúndio.

O infinitivo latino é um substantivo verbal que pode ocorrer no presente, no passado e no futuro, nas vozes ativa e passiva.

O infinitivo presente ativo, que é o infinitivo propriamente dito, se caracteriza pela terminação em “-re” (*amare, delere, legere, capere e audire*), salvo no caso de “esse” e seus compostos, em que o sufixo de infinitivo “-se” se mantém inalterado (não sofreu rotacismo) e no caso dos verbos de radicais consonânticos (do tipo “uelle”), em que ocorre o fenômeno da assimilação total progressiva. Na voz passiva, se caracteriza pela terminação “-ri” (“*amari*”, “*deleri*” e “*audiri*”) e “-i” (“*legi*” e “*capri*”).

¹ Ernout et Thomas nos remete aos estudos de Marouzeau, sobre a ordem das palavras na frase latina (MAROUZEAU, 1922; 1938; 1949).

² “A manutenção da flexão nominal tem feito com que a ordem das palavras em latim nem sempre se prenda à significação sintática, cf. acima § 10. Constatam-se, portanto, certos hábitos ou preferências que não são precisos.” (ERNOUT; THOMAS, 1959, § 188, p. 161)

O infinitivo perfeito ativo forma-se com o acréscimo do sufixo “-isse” ao radical do *perfectum* (*amauisse, deleuisse, legisse, cepisse* e *audiuisse*); o passivo é perifrástico e se forma com o particípio passado em acusativo, seguido de “esse”. Formado a partir do radical de supino, o particípio passado, como adjetivo de primeira classe, em acusativo, apresenta-se com a terminação em “-um”, “-am” e “-um” (no singular) e “-os”, “-as” e “-a” (no plural).

O infinitivo futuro ativo é perifrástico e se forma com o radical do supino, acrescido de “-urum”, “-uram” e “-urum” e seus plurais, seguido de “esse” (ex.: *amaturum, -uram, -urum* ou *amaturos, -uras, -ura esse*); o passivo também é perifrástico, porém, invariável, e se forma com o supino e a forma do infinitivo impessoal do verbo “ire”: “iri” (*amatum, deletum, lectum, captum* e *auditum iri*).

Com apoio na *Syntaxe Latine*, de Ernout et Thomas, mostramos, de forma resumida, o duplo emprego do infinitivo:

1) Emprego nominal

O infinitivo presente ativo e passivo é um antigo substantivo que exprime tão-somente uma noção verbal. Em sua função nominal, é empregado:

- a) como sujeito ou atributo de “esse”, sobretudo em expressões do tipo “*aequum est*”, “*nefas est*”, etc.
- b) como complemento de impessoal – denominação a que preferimos “unipessoais” –, como “*deceat*”, “*oportet*”, “*iuuat*”, “*opus est*”, “*satis est*”, etc.
- c) como complemento de verbo de vontade, de poder, de esforço, como “*uolo*”, “*possum*”, “*propero*”, etc.

2) Emprego verbal

- a) em oração dependente – construção em que o infinitivo foi assimilado como forma pessoal de verbo como proposição infinitiva.
- b) em oração independente – infinitivo histórico, exclamativo, com traços de jussivo.

A forma verbo-nominal de infinitivo presente caracteriza-se, ainda, por funcionar fundamentalmente numa proposição infinitiva como acusativo (complemento verbal – objeto direto) de um verbo transitivo, ou como nominativo (sujeito). Trata-se de uma oração em que o infinitivo está empregado com o sujeito em acusativo – *accusatiuus cum infinitiuo* – na função de complemento ou sujeito do verbo da proposição principal.

Junto a verbos de vontade, há construções em que o infinitivo forma uma locução verbal como em português, o que mostra o exemplo abaixo:

(01) “(...), / quo non arbiter Hadriae / maior, tollere seu ponere uolt freta.” (III, v. 15-6) – “(...), do qual nenhum maior dominador do Adriático quer ora levantar, ora acalmar os mares.”

Por ser um nome verbal, o infinitivo indicar uma ação e mantém a sua a regência: “*freta*” é complemento dos infinitivos “*tollere*” e “*ponere*”, que, com “*uolt*”, formam uma locução verbal.

Junto a verbos de esforço, o infinitivo serve-lhe de complemento, como no exemplo a seguir:

(02) “(...) / cum tu coemptos undique nobilis / libros Panaeti Socraticam et domum / mutare loriciis Hiberis, / pollicitus meliora, tendis?” (XXIX, v. 13-6) – “(...), já que tu, que prometeras coisas melhores, visas a trocar pelas trincheiras ibéricas a família socrática e os livros do ilustre Panécio, comprados por todas as partes?”

Nesse exemplo, podemos observar que a forma de infinitivo presente ativo “*mutare*”, com seu complemento composto “*coemptos undique nobilis libros Panaeti*” e “*Socraticam domum*” e complementação circunstancial em ablativo “*loriciis Hiberis*”, funciona como complemento verbal do transitivo “*tendis*”.

Há no infinitivo “*mutare*”, em função nominal, um matiz de finalidade, pelo valor semântico de “*tendis*”.

Ernout et Thomas (*Op. cit.*, § 271, p. 255) afirmam que essa forma verbo-nominal, muito raramente substantivada em um outro tempo (perfeito e futuro), pode funcionar como sujeito ou atributo (predicativo) de “*esse*”. Sobre a função de sujeito, os autores observam:

C’est d’un point de vue purement grammatical et extérieur que l’infinitif est alors considéré comme sujet: “*mentir est laid*”. En réalité, il sert de complément d’objet à la locution formée avec *esse*, comme, du reste, en français dans le tour “*il est honteux de mentir*”. (ERNOUT; THOMAS, § 272, p. 257)³

Os autores acrescentam que o infinitivo presente pode também servir de complemento (que consideramos sujeito) a verbos impessoais (*Ibidem*, § 272), que preferimos chamar de unipessoais –, como: “*licet, decet, libet, placet, iuuat, necesset est, opus est*”, entre outros, assim como complemento de verbos volitivos, de poder, de esforço, etc., como: “*uolo, nolo, cupio, possum, scio, paratus sum, moror*”, e muitos outros.

³ “É de um ponto de vista puramente gramatical e externo que o infinitivo é então considerado como sujeito: ‘*mentir é feio*’. Na realidade, ele serve de complemento objeto à locução formada com “*esse*”, como, de resto, em francês no enunciado ‘*il est honteux de mentir*’ (‘é vergonhoso mentir’).” (ERNOUT; THOMAS, § 272, p. 257)

Vejamos esta passagem:

- (03) “(...) / *durum: sed leuius fit patientia / quicquid corrigere est nefas.*” (XXIV, v. 19-20) – “(É) duro: mas torna-se mais suave com a paciência tudo aquilo que é sacrilégio corrigir(mos).”

O infinitivo presente ativo “*corrigere*”, termo integrante da expressão que serve de sujeito a “*fit*” (“*quicquid corrigere est nefas*”) desempenha, por sua vez, o papel de sujeito de “*est nefas*”. A noção expressa de indeterminação do sujeito sublinha a ação verbal, mas há também a possibilidade de se traduzir com sujeito em 1ª pessoa do plural “nós”.

Ernout et Thomas também observam que a forma de infinitivo além de seu emprego nominal, pode vir acompanhada de sujeito em acusativo – *accusatiuus cum infinitiuo* –, em proposição infinitiva.

O emprego verbal do infinitivo, em oração dependente, serve de sujeito ou de objeto a verbos declarativos (*declarandi*), de percepção ou de sentimento (*sentiendi*), de vontade (*uoluntatis*).

Na função de complemento de um verbo transitivo, a forma de infinitivo pode apresentar-se com um sujeito físico, normalmente em acusativo, ou subentendido, que lhe é próprio, ou seja, diferente do termo que exerce a função de sujeito na oração dita principal. Nesse caso, a estrutura em infinitivo com seus eventuais sujeito, complementos e complementações circunstanciais, constitui um complemento oracional em latim, que traduzimos como objeto direto em forma de uma estrutura oracional, correspondente a uma oração subordinada substantiva objetiva direta:

- (04) “*Vidimus flauom Tiberim retortis / litore Etrusco uiolenter undis / ire deiectum monumenta regis / templaque Vestae, / (...)*” (II, v. 13-6) – “Vimos o amarelado Tibre, com suas águas repelidas violentamente do litoral da Etrúria, ir destruir os monumentos reais e os templos de Vesta.”

No exemplo acima, podemos observar que a forma de infinitivo presente ativo “*ire*”, com seu sujeito em acusativo singular masculino “*flauom Tiberim*”, e a complementação circunstancial, expressa pelo supino “*deiectum*”, em acusativo de fim (com seu complemento em acusativo composto “*monumenta regis templaque Vestae*”), forma uma estrutura oracional que serve de complemento oracional do verbo transitivo “*uidimus*”.

Junto à locução perifrástica com “*est*” ou a verbos unipessoais, tem-se também o infinitivo em em única estrutura oracional, que apresenta, subentendido ou claro, um sujeito em acusativo e funciona como oração subordinada substantiva subjetiva, sujeito da proposição principal.

- (05) “*Vrgent inpauidi te Salaminus / Teucer, te Sthenelus sciens / pugnae, siue opus est imperitare equis, / non auriga piger; (...)*” (XV, v. 23-7) – “Impávidos, ameçam-te Salamino Teucro e Estênelo, hábil em guerra, ou, ágil cocheiro, se

é necessário comandar os cavalos.”

A partir do nominativo “*Sthenelus*”, depreende-se a forma do sujeito do infinitivo “*imperitare*” – “*Sthenelus*” – como termos da oração subordinada subjetiva à locução “*opus est*”.

(06) “(...); *hunc fidibus nouis, / hunc Lesbio sacrare plectro / teque tuasque decet sorores.*” (XXVI, v. 10-2) – “Convém a ti e às tuas irmãs consagrá-lo com novas liras e com o plectro (varinha de marfim) de Lesbos.”

O infinitivo “*sacrare*” com sujeito em acusativo “*te tuasque*” integram a oração infinitiva, sujeito de “*decet*”.

No caso de a forma de infinitivo ser empregada com a função de sujeito para o verbo da oração principal, constitui o que denominamos sujeito oracional.

Também na função de sujeito de um verbo, o infinitivo pode apresentar-se com um sujeito físico, normalmente em acusativo, ou subentendido, que lhe é próprio. Nesse caso, a estrutura em infinitivo e seus eventuais sujeito, complementos e complementações circunstanciais, que traduzimos como sujeito em forma de uma estrutura oracional, corresponde a uma oração subordinada substantiva subjetiva:

(07) “*Maecenas atavis edite regibus, / o et praesidium et dulce decus meum, / sunt quos curriculo puluerem Olympicum / collegisse iuuat (...).*” (I, v. 1-4) – “Ó Mecenas, nascido de antepassados reais, meu sustentáculo e minha doce glória, há aqueles aos quais agrada terem juntado a poeira olímpica ao carro;(...)”

Merece atenção a estrutura “*sunt quos curriculo puluerem Olympicum collegisse iuuat*”, em que se observa o emprego do infinitivo “*collegisse*”, como sujeito oracional do verbo unipessoal “*iuuat*”, parte integrante da oração adjetiva “*quos curriculo puluerem Olympicum collegisse iuuat*”, de cujo termo introdutor, o pronome relativo indefinido “*quos*” – objeto direto de “*iuuat*” –, depreende-se o sujeito em nominativo “*ei*”, de “*sunt*”, em oração principal, e o sujeito em acusativo “*eos*” do infinitivo perfeito “*collegisse*”, em oração subordinada substantiva subjetiva – sujeito de “*iuuat*”.

Logo, a forma de infinitivo perfeito ativo “*collegisse*”, com seu sujeito subentendido e com seus complementos em dativo “*curriculo*” e em acusativo “*Olympicum puluerem*”, funciona como sujeito do verbo transitivo unipessoal “*iuuat*”.

Assim, a forma verbo-nominal de infinitivo, acompanhada ou não de complementos e complementações circunstanciais, quando funciona como sujeito de uma oração principal, denominamos “sujeito oracional” (em que se verifica um sujeito determinado, que é próprio à forma de infinitivo) ou “sujeito em infinitivo” (sem sujeito próprio).

Portanto, resumindo a descrição feita acerca das funções sintáticas da forma

de infinitivo em latim, pode-se dizer que ora exerce a função de complemento verbal, como “complemento oracional” ou “complemento em infinitivo”, ora exerce a função de sujeito, como “sujeito oracional” ou “sujeito em infinitivo”.

Segundo Ernout *et* Thomas, como comentamos anteriormente, o infinitivo também pode ser empregado na função de atributo – predicativo do sujeito (Cf. *ibidem*, § 273, p. 258), contudo, nenhum exemplo foi encontrado nas odes analisadas.

Os referidos autores ainda observam que o infinitivo, que é fundamentalmente empregado para completar verbos transitivos, foi muito empregado como complemento de nome em detrimento do gerúndio e do gerundivo (Cf. *ibidem*, § 280, p. 269).

Convém lembrar que as outras funções, normalmente desempenhadas por um nome substantivo, mas que o infinitivo, apesar de ser um substantivo verbal, não desempenha, são preenchidas pelas formas verbo-nominais de supino ou de gerúndio, que estudaremos numa próxima oportunidade.

3. Análise da colocação do infinitivo e dos termos com que se relacionam nas odes do *Liber Primus*, de Horácio

Vimos defendendo a concepção de que há uma ordem natural na língua latina e de que a natureza do caráter obrigatório dos grupos sintáticos decorre dos hábitos linguísticos e da liberdade de expressão, que se estabelecem numa dada comunidade linguística. Logo, a natureza do caráter de obrigatoriedade e de liberdade dos grupos sintáticos e a intenção do sujeito falante, que se estabelece na sociedade em que se insere, são fatores fundamentais de uma dada língua.

Defendemos, como Juret (*Op. cit.*) e Marouzeau (1953), a ideia de que o usuário sempre põe em prática espontaneamente e por vontade própria o conhecimento assimilado durante a sua integração com os demais membros de sua comunidade de fala, numa relativa coersão social, da qual participa ativa e passivamente.

Constatamos que, na busca da expressão perfeita, Horácio se valia de variadíssimos recursos no que se refere à colocação dos termos na frase.

De fato, o caráter de liberdade relativa, que vimos ressaltando ao longo deste trabalho, é uma característica das estruturas frasais das odes horacianas, identificadas também em referência ao uso das formas verbo-nominais.

O comportamento sintático do infinitivo nas odes do *Liber Primus* apresenta certas particularidades, a partir das quais podemos reconhecer um uso estilístico. O comportamento de outras classes de palavra, com que essa forma verbo-nominal se relaciona, também se mostra peculiar; em muitos casos, elas estabelecem relações diferentes daquelas comumente encontradas na prosa, que constituem o que se pode denominar um uso regular ou natural.

3.1 – Colocação do infinitivo e dos termos com que se relaciona

Por ser um substantivo verbal, a forma de infinitivo pode funcionar como

complemento de um verbo transitivo ou como sujeito de um verbo qualquer e indicar uma ação e manter a sua regência, além de apresentar um sujeito, como já demonstramos anteriormente.

Na função de complemento verbal ou de sujeito, o infinitivo pode apresentar-se com um sujeito físico (normalmente em acusativo) ou subentendido, complementos e complementações circunstanciais, constituindo uma oração reduzida de infinitivo em latim. Como tal, considerando a existência de uma ordem natural dos termos na frase, espera-se uma relativa padronização desses termos constituintes quanto à colocação na frase.

Entretanto, os termos constituintes não apresentam uma colocação padronizada nas estruturas oracionais com infinitivo, que traduzimos como objeto direto ou sujeito (conforme a função que exerce em relação ao verbo da proposição principal) em forma de uma estrutura oracional, correspondente a uma oração subordinada substantiva (objetiva direta ou subjetiva, respectivamente).

Dos 48 casos de estrutura com infinitivo (19, como complemento em infinitivo – sem sujeito próprio –, 13, como complemento oracional – com sujeito próprio –, 09, como sujeito em infinitivo – sem sujeito próprio – e 07, como sujeito oracional – com sujeito próprio), em apenas 06 casos a forma de infinitivo ocupa a última posição na estrutura oracional que compõe. Em 02 delas, a estrutura é composta de apenas dois termos: em (08), o infinitivo e o seu complementação circunstancial “*hic*”, e em (09) o infinitivo (parte da locução verbal “*posse reuerti*”) e o sujeito em acusativo “*Tiberim*” da referida locução verbal.

(08) “(...); *hinc apicem rapax / Fortuna cum stridore acuto / sustulit, hic posuisse gaudet.*” (XXXIV, v. 14-6) – “O destino arrebatador tem tirado a tiara dali (de uma cabeça) com seu ruído agudo e se compraz em ter colocado aqui (em outra cabeça).”

(09) “(...) *Quis neget arduis / pronos relabi posse riuos / montibus et Tiberim reuerti, / (...)*” (XXIX, v. 10-2) – “Quem negará poderem os rios que descem voltar para o cimo dos montes e o Tibre refluir.”

Em relação aos outros termos da estrutura oracional de que o infinitivo participa, observamos que a “ordem natural” deixa de ser sentida e que nenhuma padronização pode ser estabelecida. A única regularidade, pois, que se pode sentir é a “falta de regularidade na colocação dos termos”, como se pode observar nesses dois, dos outros quatro exemplos em que o infinitivo está como último termo da estrutura oracional:

(10) “*Neglegis inmeritis nocituram / postmodo te natis fraudem committere?*” (XXVIII, v. 30-2) – “Negligências cometeres tu um erro que depois irá prejudicar teus filhos, que não merecem?”

(11) “*Maecenas atavis edite regibus, / o et praesidium et dulce decus meum, / sunt quos curriculo puluerem Olympicum / collegisse iuuat (...).*” (I, v. 1-4) – “Ó

Mecenas, nascido de antepassados reais, meu sustentáculo e minha doce glória, há aqueles aos quais agrada terem juntado a poeira olímpica ao carro;(...)"

Como se pode constatar nesses exemplos acima e em muitos outros, fica abalada a tese de que há uma ordem natural em latim, em que o termo nominativo inicia a oração e o verbo a encerra, e que, entre eles, é comum serem colocados o dativo, o acusativo e o ablativo, nesta ordem, como afirma Garcia (*Op. cit.*, p. 20).

Numa simples análise sintática de uma dessas estruturas, revelar-se-ia a quebra da possível ordem natural do latim. Tomemos o exemplo (10), como elemento de análise. A proposição principal é “*Neglegis*”, que é uma flexão verbal transitiva e tem como complemento o restante da frase (“*inmeritis nocituram postmodo te natis fraudem committere*”), cujo núcleo é o infinitivo “*committere*”, que tem como sujeito acusativo “*te*” e complemento acusativo “*nocituram fraudem*”. A forma de participio futuro ativo “*nocituram*”, em acusativo singular feminino, concorda como adjetivo com o núcleo substantivo “*fraudem*”, para o qual serve de adjunto adnominal, com seu complemento em dativo “*inmeritis natis*” e complementação circunstancial “*postmodo*”.

Observe que as palavras do grupo sintático “*inmeritis nocituram postmodo natis fraudem*”, que funciona como complemento do infinitivo “*committere*”, foram distribuídas de maneira peculiar, diferente daquela que caracterizaria uma ordem natural. Ocorre um hipérbato entre “*inmeritis nocituram postmodo natis*” (“que depois irá prejudicar teus filhos, que não merecem”) e “*fraudem*” (“um erro”), se considerarmos a colocação do participio (função atributiva) posterior ao núcleo substantivo a que se refere. Também se verifica um quiasmo (“*inmeritis nocituram / postmodo te natis fraudem*”), causado pela disjunção dos grupos sintáticos “*inmeritis natis*” e “*nocituram fraudem*”.

Aliás, essa quebra da ordem natural faz surgir estruturas de variáveis estilísticas, que podem ter sido exigidas pela métrica ou por uma intenção discursiva do poeta. Em ambos os casos, devem-se considerar a complexidade estrutural e o efeito estilístico, que dela decorre.

Além desses 48 exemplos, em que o infinitivo desempenha as funções de complemento verbal ou de sujeito, registramos mais 27, cuja forma de infinitivo desempenha outras funções sintáticas. Desses, em 04 exemplos (02, como complemento de adjetivo; 01, como complemento circunstancial; e 01, como parte de locução verbal), o infinitivo ocupa a última posição na estrutura oracional de que participa. Em uma delas, no exemplo (12) abaixo, o sujeito, em acusativo, “*Sybarin*”, que compõe com o infinitivo a estrutura oracional, foi colocado antes da estrutura oracional a que se liga “*cur properes*”.

- (12) “*Lydia, dic, per omnis / te deos oro, Sybarin cur properes amando / perdere.*”
(VIII, v. 1-3) – “Ó Lidia, diz-me, por todos os deuses eu te rogo, por que te apressas em perverter Sibaris, amando-o.”

A única estrutura composta apenas de o infinitivo e o seu sujeito em acusativo se verifica no exemplo (09), acima, em que o infinitivo participa de uma locução verbal (“*posse reuertī*”), além de funcionar como complemento oracional de “*neget*” em paralelismo com “*arduis pronos relabi posse riuos montibus*”.

A distribuição variada dos elementos das estruturas frasais de suas odes, sobretudo quanto à disposição do infinitivo e dos termos com que se relaciona, também se verifica no uso das outras formas verbo-nominais e dos termos com que compõem uma estrutura oracional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura acurada das trinta e oito odes horácianas, que compõem o *Liber Primus – corpus* de nosso trabalho –, possibilitou a identificação e a coleta, em excertos, das formas verbo-nominais – matéria-prima para o desenvolvimento de nosso estudo.

Para o estudo da morfossintaxe do nome verbal latino, faz-se imprescindível exame, em contexto mais amplo, da estrutura sintática de que ele participa. Valorizamos, pois, a relação que se estabelece entre a forma verbo-nominal e outros termos, considerando as estruturas de base, sob a concepção da existência de uma ordem natural

É que sendo o latim uma língua de declinações e, em consequência disso, não sendo obrigatória a ordem dos termos na frase, de certo, a definição de uma padronização quanto à estruturação frasal se torna difícil. Contudo, podemos conceber uma ordem natural da língua em si, principalmente na prosa, em que se iniciava a frase com o termo nominativo (sujeito) e se finalizava com o verbo, como o fizeram Marouzeau, Ernout *et* Thomas e Garcia.

Corroborados por Marouzeau (*Op. cit.*) constatamos que há uma relativa liberdade na ordem das palavras nas estruturas frasais do latim, e que essa liberdade está sempre condicionada a um dos diversos fatores (de uso, de sentido, de estilo, de ritmo), em que certas leis ou tendências podem ser observadas.

Esse caráter de liberdade relativa, especialmente em relação ao uso das formas verbo-nominais utilizadas por Horácio nas odes do seu *Liber Primus*, pôde ser constatado neste trabalho.

O comportamento sintático das formas verbo-nominais nas odes analisadas é característico. Tal comportamento revela um uso diferente do considerado gramatical, se concebermos a existência de uma ordem natural da língua latina, e nos possibilitou reconhecê-lo como um uso estilístico. As ordens de termos que se relacionam com forma de infinitivo são diversas, como se pôde observar no desenvolvimento desse trabalho.

Também fizemos algumas considerações sobre a natureza da linguagem horáciana, descrevemos uma série de aspectos morfossintáticos e semânticos do material que serviu para o exame e analisamos as diversas disposições do infinitivo

dos termos com que se relacionam nas odes do *Liber Primus*.

Embora não seja a nossa pretensão esgotar o tema, concluímos que há uma relativa liberdade de colocação dos termos, em expressões do nome verbal, na poesia horaciana e que, nela, o resultado de natureza comunicativa quase sempre sugere interpretações variadas, que caracterizam um uso estilístico.

Certo da complexidade do tema e da necessidade de uma análise mais aprofundada não só da linguagem de Horácio nas suas diversas obras como também da linguagem nas obras de outros autores latinos, julgamos ser o presente trabalho uma contribuição para os interessados no assunto, sobre o qual muito ainda há para se pesquisar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática latina: curso único e completo*. 24. ed. São Paulo: Saraiva, 1992.

AZEVEDO, Fernando de. *Pequeno dicionário latim-português*. 5. ed. São Paulo: Nacional, 1954.

BACH, Emmon. *Teoria sintática*. Trad. de Marilda Winkler Averbug e Paulo Henrique Britto. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, título original: “Syntactic Theory”, 1974.

BISOL, Marcel. *Syntaxe latine*. Paris: Librairie Vuibert, 1984.

BOCCHETTA, Vittore. *Horacio em Villegas y en Fray Luis de León*. Madrid: Editorial Gredos, 1970.

BOTELHO, José Mario. O comportamento estilístico-sintático das formas verbonominais em odes horacianas. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

BRITO, Gilda S. de. Lições de latim. 6. ed. Rio de Janeiro: [s.n.], 1982.

CÂMARA Jr., Joaquim Matoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 12. ed., Petrópolis: Vozes 1985.

_____. *Contribuição à estilística portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

CART, A. et al. *Gramática latina*. Tradução e adaptação de Maria Evangelina Villa Nova Soeiro. São Paulo: EDUSP, 1986.

CLIMENT, Mariano Bassols de. *Sintaxis latina*. 4. Reimpresion, Madrid: 1973. v. I e II.

ERNOUT, A. *Morphologie historique du latin*. Paris: C. Klincksieck, 1953.

ERNOUT, A.; THOMAS, F. *Syntaxe latine*. 2. éd. 2. triage, Paris: C. Klincksieck, 1959 (Nouvelle Collection a l’Usage des Classes; 38).

FARIA, Ernesto. *Gramática da língua latina*. 2. ed. Brasília: FAE, 1995.

_____. *Dicionário escolar latino-português*. 3. ed., Brasília: MEC, 1962.

GARCIA, Janete Melasso. *Introdução à teoria e prática do latim*. 2. ed., Brasília: Editora da UnB, 2000.

HORACIO. *Odes: versão portuguesa*. Braga: Cruz e Cia Ltda, 1942.

JURET, A. C. *Système de la Syntaxe Latine*. 2. ed. Paris: Les Belles Lettres, 1933.

MAROUZEAU, J. *L'Ordre des mots en latin*. Paris: Les Belles Lettres, 1953.

_____. *L'Ordre des mots dans la phrase latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1949.

_____. *Introduction au latin*. Paris: Les Belles Lettres, 1941.

VILLENEUVE, F. *Odes e épodos. Horacio*. Paris: Société D'édition "Les Belles Lettres", 1946.